A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSTRUINDO LAÇOS PARA UM DESENVOLVIMENTO PLENO

VANESSA MARINHEIRO VÉRAS

RESUMO:

A afetividade na relação educativa, em especial, com crianças pequenas matriculadas na Educação Infantil é o tema da pesquisa. A escola vem negligenciando a importância das emoções no desenvolvimento e na aprendizagem dos estudantes, dando ênfase apenas nos aspectos cognitivos, contudo nas últimas décadas tem-se fortalecido a importância de conhecer todos os aspectos que compõem o desenvolvimento humano. A metodologia usada é a revisão bibliográfica e é uma pesquisa qualitativa descritiva sobre os autores que defendem a afetividade como elemento importante no processo educativo. Os resultados apontam que para Piaget ao mesmo tempo em que o sujeito constrói o objeto, constrói a si mesmo como sujeito e isso ocorre devido ao por meio de sua ação interativa com o meio em que vive. Nos estudos de Vygotsky as contribuições advindas da esfera social no desenvolvimento do ser humano são inegáveis e somente é possível compreender o sentimento humano quando se começa pela base afetiva. Para o teórico Wallon a afetividade e a emoção são essenciais para o processo de aprendizagem do ser humano e defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, pois é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam. Wallon defende que a emoção é a forma mais expressiva de afetividade e a partir de sua observação pelos docentes é possível compreender as emoções do aluno e assim intervir nas relações e na organização do ambiente para transformá-lo em um espaço de trocas e aprendizados. A afetividade é um elemento fundamental na educação infantil, pois desempenha um papel significativo no desenvolvimento global das crianças. Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, os educadores têm a responsabilidade de cultivar um ambiente emocionalmente saudável, onde as crianças se sintam seguras, amadas e respeitadas. Neste artigo, explora-se a importância da afetividade na educação infantil e como essa abordagem contribui para a formação de indivíduos equilibrados, confiantes e socialmente competentes.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Desenvolvimento Humano; Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O tema do presente estudo é a afetividade na relação educativa, em especial, com crianças pequenas matriculadas na Educação Infantil. É possível encontrar em documentos oficiais e na literatura científica a importância da afetividade na educação, contudo observa-se que a dimensão afetiva não tem um lugar de destaque em muitas instituições educativas e, mesmo sendo estudada nos cursos de formação docente não se tem dado a devida relevância a sua contribuição para o desenvolvimento infantil.

O estudo foi motivado pela constatação de que o conhecimento não se assenta somente em bases cognitivas, questões como: qual é a relação do afetivo no desenvolvimento humano? Quais os fatores entre sujeitos e objetos de conhecimento geram aprendizagem? A afetividade é importante de que forma na atividade humana? Foram essenciais para a construção da pesquisa.

Este estudo, de natureza teórica, realizado a partir de revisão bibliográfica tem como objetivo compreender qual o papel da dimensão afetiva no desenvolvimento infantil e refletir sobre a afetividade e as interações entre todos os sujeitos na educação infantil destacando o papel do contato, afeto e diálogo.

Há, ainda, muitos equívocos em relação ao modo de pensar o papel do afetivo nos problemas enfrentados pela criança no contexto escolar, tendo defensores de que as experiências vividas entre as crianças na sua primeira infância, mais os traços de personalidade ou à dinâmica familiares interferem na aprendizagem e desenvolvimento infantil. Gomes (2013) em seu estudo apresenta uma crítica de como a escola vê as emoções como algo prejudicial, que “atrapalha” o processo de escolarização das crianças e aponta a necessidade de reverter esse pensamento.

A afetividade pode ser compreendida sob diferentes óticas, entre elas como as atitudes e valores, o comportamento moral e ético, o desenvolvimento pessoal e social, a motivação, o interesse e atribuição, a ternura, a inter-relação, a empatia, a constituição da subjetividade, dos sentimentos e emoções (RIBEIRO, 2010).

O tema é delimitado aos estudos bibliográficos acerca do papel da afetividade na construção de aprendizagem das crianças, baseado nos estudos da teoria histórico social e nas teorias psicogenéticas que permitiram compreender o ser humano sob diversos aspectos, sendo um deles o papel das emoções no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos. Foram destacados os teóricos: Jean Piaget, Lev S. Vygotsky e Henry Wallon contribuíram para ampliar saberes sobre o papel da afetividade no aprendizado e a importância das relações interpessoais

para o sucesso ou o fracasso no aprendizado.

Piaget defende que o conhecimento se constrói essencialmente na interação do sujeito com o objeto, sendo assim a interação social é considerada relevante, já que a experiência com as pessoas é necessária para que o desenvolvimento cognitivo aconteça (STOLTZ, 2012). Já Vygotsky (1988) defende o funcionamento do cérebro humano e as funções psicológicas superiores são construções históricas, sendo assim é importante que a criança aprenda a partir da interação com os elementos de sua cultura e do seu meio social, que o curso do seu desenvolvimento é influenciado pelo meio sociocultural (HOFFMANN, 2012). Wallon defende que o ser humano sempre foi um ser afetivo e desde o início da vida humana a afetividade e a inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira" (DANTAS, 1992).

O estudo defende que na escola faz-se importante compreender que a

aprendizagem está relacionada com as mediações/interações pelas quais participa o aluno. Entende-se que as relações entre o professor, o aluno e os familiares tem tanto influência positiva quanto negativa na vida acadêmica das crianças e jovens.

2 DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO INFANTIL E AFETIVIDADE

No momento atual é observada uma crescente preocupação com a educação de qualidade na primeira infância. O processo educativo nos primeiros cinco anos de vida vem ganhando cada dia mais atenção entre os pesquisadores, que entendem que a criança aprende enquanto se desenvolve corporalmente, psiquicamente e afetivamente. Nesse sentido, buscando aliar conhecimentos para qualificar a cada dia mais o desenvolvimento da criança pequena é importante discutir o desafio que apresenta que de acordo com Veiga (2010) consiste em "oportunizar cuidados e ensino que atenda às necessidades de crianças pequenas e as auxilie no desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social" (VEIGA, 2010, p. 21).

A Constituição de 1988 buscou fundamentar seus princípios em uma nova concepção de "criança-cidadã, sujeito de direitos, cuja proteção integral deve ser assegurada pela família, pela sociedade e pelo Poder Público com absoluta prioridade". Nesse contexto, a Constituição retira a Educação Infantil do âmbito da assistência e a insere no sistema educacional, estabelecendo em seu artigo 206, inciso VII, a garantia de qualidade (BRASIL, RCNEI, vol. 1, p. 11).

A Base Nacional Comum Curricular promulgada em 2017 buscou nortear os sistemas de Ensino brasileiros e as propostas pedagógicas de todas as instituições educativas desde a Educação Infantil. Na Educação Infantil os campos de experiência estão divididos em cinco campos de experiência e têm como eixos as aprendizagens e o desenvolvimento partindo das interações, brincadeiras e buscam assegurar o direito de "conviver, explorar, expressar e conhecer", já garantidos nas DCNEI (BRASIL, BNCC, 2017, p. 40).

A BNCC traz o conceito de "competências", que se define como: Mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício de cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, BNCC, 2017, p.8).

Nos últimos anos a Educação Infantil tem mudado sua concepção assistencialista e mudado suas práticas sobre as formas de organização do cotidiano das unidades de Educação Infantil, com o objetivo de promover o desenvolvimento das crianças, foram ouvidos educadores, movimentos sociais, pesquisadores e professores universitários, e com uma concepção fortemente ancorada na teoria histórica social as mudanças começaram a sistematizar o conhecimento acerca do que pode fundamentar um bom trabalho junto às crianças (OLIVEIRA, 2010).

2.1 A AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A compreensão entre desenvolvimento e aprendizagem foi importante por garantir o debate sobre as particularidades da infância e por destacar que as relações estabelecidas entre professores e os alunos interferem no aprendizado (BERALDI, 2013). Inicialmente são apontadas as teorias de desenvolvimento de Jean Piaget, Lev S. Vygotsky e Henry Wallon por sua relevância no olhar para as mudanças no ensinar e de aprender.

A afetividade pode ser entendida sob diversos enfoques, como por exemplifica Ribeiro (2010) em atitudes e valores, no comportamento moral e ético, no desenvolvimento pessoal e social, na motivação, no interesse e na atribuição da ternura, na inter-relação da empatia com a "constituição da subjetividade, sentimentos e emoções" (RIBEIRO, 2010, p. p.403).

A afetividade segundo os teóricos como Piaget, Vygotsky e Wallon é um sentimento de grande influência no comportamento e na aprendizagem. Para Jovchelovitch (2008) afetividade é a disposição no âmbito da subjetividade, ou seja, das esferas emocionais e pessoais, elas fornecem os elementos necessários para a construção do espaço de relações ou diálogos entre o "Eu, o Outro e o objeto/mundo".

Contudo, apesar dos movimentos

teóricos que separam as dimensões cognitivas e afetivas, a própria representação de criança mostra-se como uma estrutura cognitiva, emocional e social (JOVCHELOVITCH, 2008). Professor e aluno estabelecem uma relação afetiva entre si, discutem entre si e isso pode levar ao conceito de afetividade, sentimento esse que pode afetar ou não o processo de aprendizagem, de acordo com Piaget (1967 apud La Taille 1992) a inteligência se desenvolve em cada indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas.

Jean Wiliam Fritz Piaget (1896-1980), foi um importante teórico no processo de descobrimento dos processos cognitivos do ser humano, para o autor a aprendizagem é a passagem de um nível de menor conhecimento para um de maior conhecimento, entende-se assim que "ao mesmo tempo em que o sujeito constrói o objeto, constrói a si mesmo como sujeito", sendo esse processo realizado "por meio de sua ação interativa com o meio em que vive", dessa forma:

Todo o processo de desenvolvimento da cognição, que abrange as diferentes atividades da mente humana (memória, percepção, imagem mental, raciocínio, entre outras), surge através da interação da pessoa com o meio físico e social. Isso significa que não há inteligência inata, mas que ela é construída a partir da interação (PIAGET apud STOLTZ, 2012, p. 16).

Piaget deu grande valor ao biológico em sua teoria e estabeleceu um modelo evolucionista no qual são observadas que as "[...] estruturas sofrem alterações constantes" e a cada estágio cognitivo há uma estrutura ou modelo de organização entre homem – ambiente, contudo o questionamento está no sentido de compreender o desenvolvimento como muito mais que só o aspecto biológico (MARSIGLIA, 2010).

As considerações sobre os aspectos sociais que são defendidos por Leontiev que compreende que o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sua sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade (LEONTIEV, 1978, p. 261 apud MARSIGLIA, 2010, p. 100). Dessa forma, desde o nascimento a criança apresenta processos internos que lhe possibilitam a aprendizagem, que resultam em desenvolvimento, especialmente conseguidos da sua experiência com o meio e das condições que o meio lhe oferece para isso. O que quer dizer que existe um sujeito ativo desde o nascimento, com estruturas orgânicas que o impulsionam à ação, mas cujo desenvolvimento depende radicalmente dessa mesma ação (HOFFMANN, 2012, p. 35).

Piaget foi contra a concepção comportamentalista de organização de estímulos pelo professor como fonte essencial do conhecimento pela criança, porque sua concepção é de que um estímulo não é estímulo até que a criança aja sobre ele e, para isso, é preciso que tenha desenvolvido estruturas anteriores necessárias à "interpretação" própria de tal estímulo. Essa é a razão de a teoria de Piaget ser chamada de "construtivismo", porque "o conhecimento se constrói essencialmente na interação do sujeito com o objeto" (Piaget, 1970 apud HOFFMANN, 2012, p. 35).

Piaget (1936) descreveu os processos de "adaptação e de organização", constituindo assim o que o autor chama de invariantes funcionais, ou seja, estão sempre presentes no funcionamento cognitivo. "A adaptação é um processo dinâmico e contínuo, no qual a estrutura do organismo interage com o meio externo" (apud STOLTZ, 2012, p. 18), e isso para se reconstituir e criar uma nova significação para o sujeito

No entendimento de Piaget (1936) a construção da inteligência e do real não acontece de forma isolada e fragmentada, ela representa sempre a integração do que é assimilado em um sistema: "assimilação é o processo de incorporação do objeto aos esquemas que o sujeito já construiu" sendo que esse mecanismo permite uma primeira compreensão da realidade, mas "pode ser deformada, dependendo dos esquemas práticos e conceituais que o sujeito possui" (apud STOLTZ, 2012, p. 18).

Stoltz (2012) que não é possível explicar o processo apenas pela assimilação, pois não permitiria o avanço, ela precisa da acomodação que é o "processo de ajuste do sujeito ao objeto novo" (STOLTZ, 2012, p. 18). E isso não ocorre de uma hora para a outra, mas lentamente, por aproximação, determinando a possibilidade de avanço do conhecimento.

Stoltz (2012) compreende que a adaptação é geralmente entendida como um estágio temporário de equilíbrio. É temporário porque logo aparecerão novos objetos por conhecer, que determinarão novos desafios para o sujeito. Assim, toda compreensão envolve, portanto, algo que precisa ser assimilado com os recursos de que o sujeito dispõe, para que depois ele possa se ajustar à realidade. "É importante você saber que ambos, assimilação e acomodação, determinarão a conduta adaptada, que é sempre provisória", já que logo "surgirão novos objetos do conhecimento que desequilibrarão o sujeito" (PIAGET, 1936 apud STOLTZ, 2012, p. 20).

Para Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) as contribuições advindas da esfera social no desenvolvimento do ser humano são inegáveis. "O ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social, sendo a cultura parte da natureza humana num processo histórico" que, ao longo

do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, "molda o funcionamento psicológico do homem" (OLIVEIRA, 2010, p. 24).

O pensamento tem sua origem na motivação, e isso para Vygotsky inclui "inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afetividade e emoção", portanto para compreender a evolução completa do pensamento humano é necessário entender que isso só é possível a partir da "base afetivo-volitiva e nesse sentido é relevante discutir o papel da família na aprendizagem" (OLIVEIRA, 2010, p.24).

Em Vygotsky encontra-se a importância da dimensão social e cultural no desenvolvimento, sendo que os pressupostos básicos se concentram na ideia de que o ser humano se constitui enquanto tal na sua relação com o outro social, sendo a "cultura parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem" (OLIVEIRA, 2010, p. 30).

De acordo com o autor o funcionamento do cérebro humano e as funções psicológicas superiores são construções históricas, mediadas pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, assim a compreensão do desenvolvimento psicológico não pode ser buscada unicamente em propriedades naturais do sistema nervoso. Nesse sentido Oliveira (2010) analisa que ao pensar em atividades distantes do funcionamento psicológico básico e ligadas à relação do indivíduo com o meio sociocultural onde ele vive, fica mais evidente a ideia da complexidade dos sistemas funcionais que dirigem a realização dessas tarefas.

A grande contribuição teórica de Vygotsky (1988) é o olhar sociointeracionista, é a importância da ação da criança como elemento essencial para o seu desenvolvimento. Ressalta, em seus estudos, que ela não aprende a partir dos estímulos do meio ambiente, mas pela interação com os elementos de sua cultura e do seu meio social, que o curso do seu desenvolvimento é influenciado pelo meio sociocultural (HOFFMANN, 2012, p. 37).

"Os sistemas simbólicos se interpõem entre sujeito e objeto de conhecimento têm origem social". Nesse sentido, a cultura que fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos de representação da realidade e, por meio deles, o universo de significações que permite construir uma ordenação, ou seja, uma interpretação dos dados do mundo real, "As funções psicológicas superiores, baseadas na operação com sistemas simbólicos, são, pois, construídas de fora para dentro do indivíduo" (OLIVEIRA, 2010, p. 37).

Beraldi (2013) cita Vygotsky que destaca que em psicologia os afetos podem ser negativos e positivos. "Os positivos são relacionados a emoções de alta energia, como entusiasmo e a excitação, e de baixa energia, como calma e tranquilidade". Já os negativos são relacionados à "ansiedade, raiva, culpa, tristeza" e de acordo com Beraldi (2012) mesmo a Psicologia tratando cognição e afetividade de formas separadas, "as emoções e os sentimentos não estão dissociados no processo educativo" (VYGOTSKY, 2003 apud BERALDI, 2013, p. 15) e podem influenciar de diversas formas no desenvolvimento cognitivo.

No entendimento do teórico Vygotsky (2003) só é realmente possível compreender o sentimento humano quando se começa pela base afetiva, dessa forma o "desenvolvimento afetivo depende de outros fatores para que suas necessidades de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação sejam satisfeitas" (VYGOTSKY, 2003 apud BERALDI, 2013, p. 16), pois são nesses momentos que são estabelecidos os vínculos com as demais pessoas. De acordo com as ideias defendidas por Vygotsky a interação é um elemento decisivo na aprendizagem e a afetividade é amplamente defendida por ser a base das relações humanas.

Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), filósofo, psicólogo, psiquiatra, médico, dedicou-se a estudar as crianças com anomalias motoras e mentais. Sua teoria considera afetividade, ação motora e inteligência como elementos indissociáveis no desenvolvimento humano (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.37)

Na teoria de Wallon a emoção e a afetividade ocupam um lugar central no desenvolvimento do indivíduo e do conhecimento, de acordo com ele a dimensão afetiva, conceituada como impulsivo-emocional se estende ao longo do primeiro ano da vida, período que a afetividade se reduz praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo (DANTAS, 1992, p.85).

As crianças são seres emotivos, trazendo a sua emoção enquanto forte tendência, dessa forma quando convivem com os adultos, estão permanentemente em contágio emocional. Dantas (1992, p.86) afirma que: "a emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo", contudo a qualidade final do comportamento do qual ela está na origem "dependerá da capacidade cortical para retomar o controle da situação".

Wallon dá detalhes minuciosos das origens orgânicas da emotividade e destaca que o ser humano é organicamente social:

Isso porque está nessa força da emotividade humana e em seu caráter contagioso e epidêmico as condições para que seja mediada pela cultura, interpretada pelo adulto e promotora, a partir de então, do desenvolvimento cognitivo da criança. Significa dizer

que o bebê expressa sua insatisfação por meio do choro, que de início é sua única maneira de relacionar-se. Esse choro mobiliza a mãe e ela o interpreta de acordo com seus valores e significados culturais. A interação entre ambos será responsável pelo desencadeamento das funções cognitivas na criança (WALLON apud GRATIOTALFANDÉRY, 2010, p.37).

A afetividade, na teoria de Wallon não é apenas uma das dimensões da pessoa: "ela é também uma fase do desenvolvimento, a mais arcaica". O ser humano sempre foi um ser afetivo, contudo a afetividade diferenciou-se, lentamente, da vida racional. Portanto, "no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira" (DANTAS, 1992, p. 86).

Contudo, ao longo do trajeto, elas alternam e a afetividade reflui para dar espaço à intensa atividade cognitiva assim que a maturação põe em ação o equipamento sensório-motor necessário à exploração da realidade. Deste momento em diante a história da construção da pessoa será constituída por uma sucessão pendular de momentos dominantemente afetivos ou dominantemente cognitivos, não paralelos, mas integrados (DANTAS, 1992).

Assim cada novo momento terá incorporado as aquisições feitas no nível anterior, ou seja, na outra dimensão, ou seja, a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa (DANTAS, 1992, p. 86). Para Gratiot-Alfandéry (2010, p.37) Wallon também oferece uma importante contribuição ao campo educativo quando "descreve a metodologia que adota em suas investigações e chama a atenção para a necessidade de desconstruir o olhar adultocêntrico presente na observação e nas metodologias de investigação sobre o desenvolvimento infantil". Essa desconstrução apontada por Wallon é importante no sentido de alertar para os fatos de que:

Algumas manifestações da criança, interpretadas pelo olhar do adulto – sempre marcado por seu próprio referencial – tende a gerar posturas e a construir sentidos muitas vezes equivocados daquilo que a criança demonstra (WALLON apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.37).

Na atualidade a teoria de Wallon permite "reconhecer nas expressividades posturais dos alunos como sinais daquilo que pode estar produzindo efeito na aprendizagem", no intuito de encontrar pistas e assim compor um trabalho atento as especificidades de cada aluno, "supondo que o 'destravamento' das inteligências depende do 'saneamento' da atmosfera emocional" (GALVÃO, 2003, p. 84 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.41).

Dessa forma, "considerando o caráter 'contagioso' dos estados emocionais, o professor pode manter-se mais atento ao clima de grupo que ele tem condições de estabelecer em sua turma de alunos" (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.42), além disso pode ainda buscar compreender "à importância de suas próprias manifestações afetivas, que, seguramente, incidirão nas crianças sob sua tutela".

Contudo, isso não quer dizer que se deve "buscar o controle das condições em sala de aula a partir da coerção das manifestações expressivas dos alunos, é preciso uma "melhor compreensão de seu significado para um manejo que, incorporando a dimensão afetiva, possibilite uma melhor qualidade e aproveitamento da aprendizagem" (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.42).

Dessa forma, a afetividade é um elemento presente em todos os momentos da nossa vida, desde o ato motor até a cognição e na escola é importante ao educador refletir sobre isso e buscar recursos para aprimorar as relações e a organização dos ambientes, para que seja espaço de trocas e aprendizados.

Na presente pesquisa defende-se a construção de vínculos afetivos desde os primeiros anos de vida, as crianças estabelecem conexões emocionais com aqueles que as cercam. Essas conexões afetivas são essenciais para o desenvolvimento socioemocional da criança e influenciam diretamente como ela se relacionará com o mundo ao seu redor. Um ambiente de afeto na educação infantil permite que os alunos desenvolvam vínculos positivos com os educadores e colegas, o que resulta em uma maior abertura para aprender e se expressar (BRASIL, 2009).

A afetividade na educação infantil promove um senso de segurança emocional nas crianças. Quando elas se sentem acolhidas e compreendidas, tornam-se mais confiantes em si mesmas e em suas capacidades. Essa autoestima positiva é essencial para o desenvolvimento de uma postura positiva diante dos desafios e da aprendizagem ao longo da vida (BRASIL, 2009).

Quando uma criança se sente emocionalmente segura no ambiente escolar, está mais propensa a se engajar ativamente nas atividades de aprendizagem. A afetividade na educação infantil cria um ambiente propício para a motivação intrínseca, na qual a criança é impulsionada por seu próprio interesse em aprender e explorar o mundo ao seu redor (BRASIL, 2009). Dessa forma, o conhecimento é construído de maneira mais significativa e duradoura.

A convivência em um ambiente afetivo possibilita que as crianças aprendam a lidar com as emoções e conflitos de forma saudável. Ao observar e experimentar a empatia, elas desenvolvem habilidades sociais

essenciais para interações saudáveis com os outros. Aprendem a respeitar as diferenças, a cooperar e a resolver problemas de maneira colaborativa, tornando-se cidadãos mais empáticos e conscientes.

Um ambiente afetivo na educação infantil pode ajudar a prevenir o estresse e a ansiedade em crianças. O apoio emocional fornecido pelos educadores e colegas contribui para o fortalecimento da resiliência emocional, tornando-as mais preparadas para enfrentar desafios futuros. Além disso, o cultivo de um ambiente afetuoso pode ser um fator protetor contra o desenvolvimento de transtornos mentais na infância e ao longo da vida adulta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade é um pilar fundamental na educação infantil, pois estabelece as bases para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças. Ao cultivar um ambiente acolhedor, os educadores criam oportunidades para o florescimento de habilidades essenciais, tais como a autoestima, a motivação intrínseca, a empatia e as habilidades sociais. Investir na afetividade na educação infantil é investir no futuro de cada criança, proporcionando-lhes alicerces sólidos para que se tornem adultos emocionalmente equilibrados, resilientes e capazes de contribuir positivamente com a sociedade.

Por fim, o estudo permitiu entender a constituição dos processos afetivos e a importância entre afeto e cognição a partir das teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon, trazendo assim a possibilidade de elementos que servirão de mediadores entre a teoria e a prática escolar diária na educação de crianças pequenas com vistas ao seu processo de aprendizagem e de desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BERALDI, E. de M. A importância da afetividade no processo de ensino aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental. UTFP. Universidade

Tecnológica Federal do Paraná- Monografia de Especialização. Medianeira-PR,

2013. Disponível em:

http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4445/1/MD_EDUMTE_2014_2_11 2.pdf. Acesso em: mar. de 2024.

BRASIL. Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf. Acesso em: mar. de 2024.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 1.

Brasília: MEC/SEF/, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf Acesso em: mar. de 2024.

BRASIL. Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil. Secretaria de

Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769 diretrizescurriculares2012&category_slug=janeiro2012pdf&Itemid=30192 Acesso em: mar. de 2024.

BRASIL. BNCC- Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Ministério da Educação e Cultura, Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf. Acesso em: mar. de 2024.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 1. Brasília: MEC/SEF/, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: mar. de 2024.

DANTAS, H. Do ato motor ao mental: a gênese da inteligência segundo Wallon. In: LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992, p.35-45.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992, p. 85-100.

GRATIOT-ALFANDÉRY, H. Henry Wallon. /Hélene Gratiot Alfandérry, tradução Patrícia Junqueira. Org. Elaine Dias. Recife, Fundação Joaquim Nabuco. Coleção Educadores. 2010.

GOMES, C. A.V. O lugar do afetivo no desenvolvimento da criança: implicações educacionais. Psicologia em estudo, Maringá-PR, v.18, n.3, p.509-518 jul-set, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/SfrDL3FRH93VPXXz76Gxfvm/?format=pdf. Acesso em: mar. de 2024.

HOFFMANN, J. Avaliação na Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre-RS: Mediação, 2012.

JOVCHELOVITCH, S. Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

LA TAILLE, Y. de. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MARSIGLIA, A. C. G. Relações entre o desenvolvimento infantil e o planejamento de ensino. In: MARTINS, L. M. (Orgs.) Formação de professores: limites contemporâneos alternativas necessárias [online]. São Paulo: UNESP, Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: http://books.scielo.org/id/ysnm8/pdf/martins9788579831034-07.pdf Acesso em: mar. de 2024.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo histórico cultural. 5ª Ed. São Paulo: Scipicione, 2010. (Coleção Pensamento e ação em sala de aula).

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? Dezembro de 2010.

http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro2010pdf/715321curriculoeducacaoinfantilzilma-moraes/file. Acesso em: mar. de 2024.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. Estudos de Psicologia, Campinas-SP, jul/set., p.403-412, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/12.pdf. Acesso em: mar. de 2024.

STOLTZ, T. As perspectivas construtivista e histórico-cultural na educação escolar. Curitiba: Intersaberes, 2012. (Coleção Fundamentos da Educação).